

## **SER, TÃO & I SÓ LAMENTO: O SERTÃO, A CENA E O ISOLAMENTO EM DIÁLOGO ARTÍSTICO COM AUDIOVISUAL E TEATRO**

Diogo Ramon (UFG)<sup>1</sup>  
PPGAC/ EMAC – CAPES

Natássia Duarte Garcia Leite de Oliveira (UFG)<sup>2</sup>  
PPGAC/ EMAC

### **RESUMO**

Este trabalho é um diálogo reflexivo e visual do vídeo cênico e documental *Ser, Tão & I só lamento* que compõe o projeto ‘SerTãoVida em cena: em busca de um solo poético caipira e sertanejo’, que vem sendo desenvolvido no programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC) e nos respectivos espaços acadêmicos da Universidade Federal de Goiás (UFG): Laboratório de Montagens Cênicas e Teatro Educação (LabMonTe); Laboratório de Criação de Figurinos, Acervo de Indumentárias e Ateliê de Costura (LabCriaa), ambos pertencentes à Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC/UFG); e Laboratório de Pesquisa Interdisciplinar em Artes da Cena (Lapiac) da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD/UFG). Este trabalho é fruto experimental da disciplina de ‘Processos contemporâneos de montagem cênica’ (PPGAC/EMAC), ofertada extraordinariamente no formato remoto, por conta da pandemia. A proposta estética e poética, baseada num diálogo entre os princípios teatrais e audiovisuais, foi fundamentada na busca e descoberta de diversos sertões: distantes, desérticos e isolados; e da proposital relação com a cultura e identidade caipira e sertaneja. No meio destes espaços físicos, imagéticos, subjetivos, íntimos e sensíveis, foram experimentadas e produzidas cenas-*live* (proposta que sintetiza o diálogo cênico do ficcional com o privado), que dialogavam com a atualidade social, cultural e política vivenciada no Brasil e no mundo. Objetivou-se retratar o distanciamento social em meio à pandemia, deixando explícito este novo hábito diário e de sobrevivência, como gerador da relação doméstica com o só, que dialoga tanto com a solidão, quanto com a solitude; aspectos presentes na cultura e no imaginário caipira e sertanejo. O processo criativo se desenvolveu por meio das experimentações do ator (também autor deste trabalho) em isolamento social, que buscou encontrar drama em seu cotidiano, trabalhando na repetição e solilóquio de seus projetos e sonhos de meses atrás, a ressignificação de expectativa em lamento, ação esta, presente na arte e poesia caipira e sertaneja. Desta forma, o isolamento como sertão, e como momento de repensar o ‘ser’, impôs o tão sofrido e necessário encontro com nós mesmos, prática importante no ofício do ator. Este vídeo cênico e documental colaborou no processo investigativo e artístico que se encontra em finalização, no que tange o aprofundamento e conceituação da ‘atmosfera dos sertões’. Do mesmo modo que, provocou novos questionamentos acerca de outras alternativas artísticas, que influenciam novas possibilidades estéticas, como as experimentadas por obrigação do fazer criativo neste momento fatídico atual de pandemia, isolamento social e de luta pela sobrevivência na vida-arte.

**Palavras-chaves:** Sertão. Cena. Isolamento. Audiovisual. Processo criativo.

---

<sup>1</sup> Ator e Professor de Artes Cênicas. É Mestrando finalista em Artes da Cena pela Universidade Federal de Goiás (UFG) na Escola de Música e Artes Cênicas – Goiânia (EMAC), Licenciado em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e possui formação técnica em Artes Cênicas pelo Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro – Unidade Grande Manaus (LAOCS).

<sup>2</sup> Diretora teatral, Atriz e Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG), na Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC). É Doutora em Educação pela UFG, Mestre em Artes pela Universidade de Brasília (UnB) e Bacharel em Artes Cênicas – Interpretação Teatral (UnB). Atualmente ministra aulas nos cursos de Graduação em Teatro, Direção de Arte e Mestrado em Artes da Cena.

## ORIGENS DE ARTE E INVESTIGAÇÃO, DE CENA E DE SERTÃO

*No rancho fundo,  
bem pra lá do fim do mundo.  
Onde a dor e a saudade,  
contam coisas da cidade.*

No rancho fundo (música). Ary Evangelista Barroso / Lamantine Babo. 1931.

Este trabalho é um diálogo reflexivo e um registro de imagem do vídeo cênico e documental *Ser, Tão & I só lamento* que integra parte das investigações do projeto *SerTãoVida em cena: a busca por um solo poético caipira e sertanejo*, desenvolvido no programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC), da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC/ UFG). Este projeto integra a linha de pesquisa ‘Estéticas e Poéticas das Artes da Cena’ e está vinculado aos respectivos espaços acadêmicos da EMAC: Laboratório de Montagens Cênicas e Teatro Educação (LabMonTe); Laboratório de Criação de Figurinos, Acervo de Indumentárias e Ateliê de Costura (LabCriaa). E, ainda, o Laboratório de Pesquisa Interdisciplinar em Artes da Cena (Lapiac), que envolve a EMAC e a Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD/ UFG).

Nosso projeto vem sendo desenvolvido desde agosto de 2019, enquanto investigação de mestrado, e diz respeito ao diálogo entre a cena na perspectiva do ator e da atriz, (STANISLAVSKI, 1989, 2007 e 2009) e o sertão com a cultura caipira e sertaneja (RIBEIRO, 1995; CÂNDIDO, 2010), promovido por meio de um processo prático (FREIRE, 1987 e 1996), auto.etnográfico (MATTOS, 2011; FORTIN, 2009) e de pesquisa-ação (BARBIER, 2002). Entendendo estes lugares enquanto espaços ou estados de ação, reflexão e criação artística, vem sendo buscado no aprofundamento de suas relações, a promoção criativa de uma obra artística, que também é ética e reflexiva.

O primeiro autor deste trabalho, enquanto ator e pesquisador nesta investigação, desenvolveu o trabalho de perceber por meio da criação de um solo cênico, a presença do sertão enquanto propulsor criativo e técnico para a cena, seja nas particularidades dramáticas ou mesmo, nas questões referentes à atuação e encenação teatral, o que leva em conta o processo criativo. Neste sentido, foi que ocorreu a produção do vídeo cênico *Ser, tão & I só Lamento*, um experimento cênico desenvolvido no decorrer do segundo semestre do ano de 2020. O produto artístico foi produzido durante a disciplina optativa ‘Processos contemporâneos de montagens cênicas’ (PPGAC/ EMAC/ UFG), ofertada em modo remoto. Este componente curricular foi ministrado pela professora doutora Natássia Duarte Garcia Leite de Oliveira (PPGAC/ EMAC/ UFG), que é a orientadora da pesquisa supracitada, coordenadora dos laboratórios acima citados e também coautora deste trabalho.

A disciplina de ‘Processos contemporâneos de montagem cênica’ segundo ementa, é para estudantes que estão desenvolvendo projetos investigativos que demandam a prática artística de experimentação e criação cênica. Sua abordagem pedagógica é pensada a partir dos diversos olhares de artistas (atores, diretores, performers, dançarinos, bailarinos, intérpretes etc.) e pesquisadores das artes da cena, os quais praticam, investigam e criam cenicamente na contemporaneidade, levando em conta as demandas atuais das artes que, cruzam caminhos com a filosofia, a sociologia, a antropologia e outras tantas áreas do conhecimento.

Os encontros da disciplina seriam realizados no decorrer do primeiro semestre de 2020, com seis alunos matriculados, sendo alguns destes estudantes mestrados do próprio PPGAC/ EMAC/ UFG, e alguns mestrados advindos do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, da Faculdade de Ciências Sociais (PPGPC/ FCS/ UFG). A escolha por um pequeno número de

estudantes no componente se deu, justamente, pela própria dimensão pedagógica da disciplina, uma vez que aulas práticas com conteúdos referentes às questões cênicas de experimentação, criação e montagem, são melhor desenvolvidas com poucos estudantes. Para esta realidade, foram levadas em conta questões como a duração e tempo das aulas, o espaço utilizado para os encontros e a dinâmica entre processo e produto no caminhar de ensino-aprendizagem da disciplina.

As aulas de ‘Processos contemporâneos de montagem cênica’ atendendo a estas reflexões, foram iniciadas ainda na última semana de fevereiro de 2020, e contou com três encontros presenciais. Isto ocorreu, pois com a chegada da pandemia do novo coronavírus no Brasil<sup>3</sup> em meados de março do mesmo ano, os encontros foram suspensos, levando em conta o estabelecimento de protocolos de biossegurança recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), pelas autoridades nacionais de saúde e pelos decretos estaduais<sup>4</sup> e municipais<sup>5</sup> de quarentena e isolamento social.

Todos nós, estudantes matriculados neste componente curricular, já estávamos em processo de criação artística, programado ou encaminhado, para o desenvolvimento de nossas respectivas investigações. Como já era esperado, todas estas futuras criações, contemplavam o campo das artes da cena como a dança, a performance e o teatro, sendo esta última linguagem citada, a trabalhada no projeto que desenvolvo. Com a paralização das atividades, veio a preocupação coletiva de como se daria a continuidade das produções cênicas de cada um, e de que, caso a pandemia não acabasse logo, como seria realizada essa continuidade e se seria realizada.

As preocupações citadas se entrelaçaram entre sobrevivência da vida enquanto pessoa humana, e sobrevivência da investigação, enquanto natureza metodológica e praxica da pesquisa. Digo isto, levando em conta a preocupação humana de medo do sofrimento e da morte, com o alto contágio do vírus Sars-CoV-2, provocador da infecção covid-19, doença de alto risco e com grande nível de mortalidade no Brasil (dada a realidade precária de enfrentamento da doença). A preocupação de medo da fome e das dívidas, com a dificuldade de subsistência, levando em consideração a falta de renda financeira provocada pelo isolamento social e a escassez de serviços e empregos. E por último, a preocupação artística criada e encontrada na dificuldade em se realizarem encontros, ensaios e contatos sociais para a continuidade dos processos criativos e investigativos, que por serem do campo das artes da cena, tinham como natureza principal o encontro e o afeto. Entre idas e vindas de reuniões, realizadas via videoconferência, de estudantes, professores, professores e estudantes, corpo docente e técnico da universidade e outros mais, ficou decidido o retorno das aulas por meio do sistema remoto de ensino, entendido neste contexto pandêmico como um recurso emergencial de continuidade das atividades universitárias de ensino, pesquisa e extensão.

Com a concordância de todos os estudantes matriculados, a disciplina tendo retornado extraordinariamente no formato remoto, pudemos reiniciar também algumas discussões, reformulamos caminhos do processo artístico criativo de cada projeto. Desta forma, fomos

---

<sup>3</sup> A pandemia do novo coronavírus foi decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, quando cerca de 114 países já tinham casos confirmados, um total de 118.000 infecções causadas pelo novo vírus e 4.291 mortos (OMS..., 2020). Os primeiros casos de infecção relacionado ao Sars-CoV-2 foram identificados entre novembro e dezembro de 2019, na China.

<sup>4</sup> O Decreto estadual citado é de Nº 9.633, de 13 de março de 2020, do estado de Goiás, que diz respeito à declaração de emergência na saúde pública do Estado de Goiás, em razão da disseminação do novo coronavírus.

<sup>5</sup> Os decretos municipais da Prefeitura de Goiânia que são citados, são os: Decreto 736, de 13 de março de 2020 que declarava Goiânia em situação de Emergência em Saúde Pública; Decreto 751, de 16 de março de 2020 que suspendia as atividades letivas de ensino por 15 dias e Decreto 799, de 23 de março de 2020 que declarava a situação de Calamidade no Município de Goiânia e permitia ao município adotar medidas orçamentárias não previstas e remanejamento de pessoal para a área da saúde para o enfrentamento do coronavírus.

dialogando ainda mais com a nossa contemporaneidade cênica, desta vez não somente levando em conta as questões problematizadas nas últimas décadas, como propõe a ementa do componente, mas também criando com aquelas novas problemáticas instauradas pela condição de isolamento social, experimentadas nos últimos meses, nas últimas semanas e nos últimos dias. Fazemos aqui referência aos trabalhos artísticos que estavam sendo criados e compartilhados mundialmente naquele momento; e compartilhados virtualmente pelos artistas que estavam isolados.

Foi levando em conta estas particularidades do momento fatídico mundial, que a docente pensou juntamente com os discentes uma outra realidade metodológica de ensino e de aprendizagem, que nos exigiu uma resposta individual frente às dificuldades momentâneas. Neste contexto, o vídeo cênico *Ser Tão & I só lamento*<sup>6</sup> foi criado e compartilhado no Instagram @lapi.ac. Neste caminho criativo, como ator, levou-se em conta a presença do incerto, dada a realidade pandêmica; a interação com as novas tecnologias, bem como a forte presença nos encontros à distância e múltiplas possibilidades de criação. A linguagem audiovisual colaborou obrigatoriamente com o campo do teatro, haja vista as possibilidades de compartilhamento artístico das investigações teatrais performáticas; e, no nosso caso específico, o sertão que seria encenado foi transformado com novas significâncias, tanto pelas estranhas vivências de solidão e de solidude, quanto pelas sensações humanas experienciadas neste momento de reflexão, lamento e isolamento.

Destarte, neste trabalho, apresentam-se reflexões escritas que estão divididas em duas dimensões: a da palavra e a da imagem. Dois tópicos estão focados no compartilhamento do trabalho por meio da escrita textual, e o último apresenta uma galeria de fotografias do processo. Primeiramente, será apresentada a parte ‘Cena-Live, SerTãoVida: Tecnologia e sensibilidade’, reflexões acerca do encontro íntimo do autor consigo mesmo; essa intimidade enquanto lugar de colaboração criativa e inspiração cênica; e as possibilidades de compartilhamento artístico por meio das novas tecnologias. Já na outra reflexão escrita intitulada ‘Isolamento social enquanto sertão poético’, estão aprofundadas questões acerca do conceito de sertão e de suas dimensões ampliadas por meio das vivências de cada sujeito com o mesmo, levado em consideração especificamente o caso de isolamento deste ator-autor em meio à uma pandemia. O mural do processo está registrado na reflexão ‘Compartilhamento cênico em formato audiovisual’, espaço destinado a proporcionar leituras dos autores para além das explicações, sertões ou lamentações apresentadas.

## **CENA-LIVE, SERTÃOVIDA: TECNOLOGIA E SENSIBILIDADE**

*No rancho fundo,  
de olhar triste e profundo.  
Um moreno canta as mágoas,  
tendo os olhos rasos d'água.*

No rancho fundo (música). Ary Evangelista Barroso / Lamantine Babo. 1931.

A palavra inglesa *live*, em seu sentido primário significa o verbo: ‘viver’. Mas o sentido é diferente quando utilizado para denominar a ferramenta de redes sociais e plataformas digitais que começou a ganhar o público online entre 2011 e 2019, e alcançou a popularidade mundial em 2020 durante a pandemia. A *live* que conhecemos atualmente, ferramenta utilizada inicialmente pela

---

<sup>6</sup> O vídeo cênico e documental *Ser, Tão & I só lamento* está disponível em duas partes. A Primeira parte está disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CEDDcsJHS\\_I/](https://www.instagram.com/tv/CEDDcsJHS_I/) e Segunda parte está disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CEDCEjSHj7s/>.

plataforma digital de vídeos YouTube em 2011, e depois utilizada nas redes sociais Facebook em 2015, Instagram e Twitter em 2016, e atualmente o TikTok, tem a ideia do que nós brasileiros chamamos de ‘Ao Vivo’. As *lives* são transmissões (*streaming*) ao vivo realizadas numa plataforma ou rede social que possibilitam um formato de apresentação e recepção, na qual alguém realiza um evento ou possibilita um momento, e um público de espectadores o assistem.

Não é difícil perceber que esta transmissão apresenta semelhanças com a televisão, haja vista a sua possibilidade de realização no ‘aqui e agora’. E o ‘aqui e agora’ pensado na perspectiva artística nos remete imediatamente à linguagem teatral. A televisão sempre se utilizou do diálogo entre as linguagens artísticas para compor seus programas e atrações, e a teatralidade sempre esteve presente em seus produtos estéticos e atrativos, como podemos notar nos programas de auditório com apresentações artísticas e mesmo, diretamente, como no teleteatro da década de 1950.

É nesse sentido que a palavra e a noção de *live* ganhou efeito importante na realização do trabalho que compusemos. No âmbito da arte, muitos artistas viram nas *lives*, nas redes sociais e na produção de conteúdos digitais, as novas possibilidades de criação e processos criativos, bem como de autossustentação provisória. Seja na possibilidade de tornar público os trabalhos que vêm sendo realizados, ou mesmo na oportunidade de participar de editais de emergência para os trabalhadores da cultura. Desse modo, fica evidente, que ainda que de forma explícita, esses sujeitos vêm mantendo uma atividade espontânea ou acordada, que já implicitamente é notada pela situação fatídica mundial que lhes obrigaram a iniciar, manter e/ ou aprofundar relações com esses meios digitais, virtuais e de novas tecnologias.

Essa possibilidade de encontro *online*, que foi a alternativa descoberta por centenas de milhares de artistas no mundo todo, para dar seguimento aos seus trabalhos e manter contato com o público, ainda que à distância; foi a alternativa utilizada também no processo criativo do trabalho artístico aqui apresentado. A utilização do sentido de *live* parte da teatralidade envolvida, que no momento de gravação do produto artístico foi necessário trabalhar, bem como da preocupação em gerar uma interação entre artista e público, que nesse caso se dá como visualizador. Essa preocupação além de estética, esbarra na dimensão social, da qual leva em conta esse grupo de pessoas que se encontram isoladas, suas diversas problemáticas sociais, tanto quanto suas dinâmicas de gosto e de consumo.

Daí surgiram algumas questões: Como alcançar esse público diverso, complexo e isolado nesse momento? Devemos levar em conta que nem todos tem celular ou *notebook*, acesso à internet ou mesmo uma boa rede de conexão. Do mesmo modo que, nem todos têm tempo destinado para o respectivo encontro *online*, do qual se deve manter um diálogo e acordo com a dinâmica de suas casas, bem como seus familiares. Também é necessário lembrar que nem todos têm responsabilidades ou mesmo vontade de realizar os encontros *online*, haja vista a imensidão de conteúdos disponíveis na internet e na televisão.

Algumas problemáticas do mundo sem pandemia; se atualizaram e reconfiguraram num novo modelo, o pandêmico. Isso fica explícito no que tange a desigualdade social, a qual abrange os problemas socioeconômicos. A discrepância entre classes sociais e a luta de classes ficou ainda mais em evidência e pudemos observar que muitas pessoas não possuem o mínimo de condições objetivas que lhes dê dignidade para viver: ter o que comer, onde dormir, lugar para fazer as necessidades fisiológicas, ter acesso gratuito ou possibilidades de comprar produtos que propiciem a higiene corporal, etc. Esses temas estão sendo muito debatidos em vários lugares, por diversos sujeitos, em diferentes contextos desde os primeiros meses de pandemia, inclusive no ciberespaço.



Todas essas questões, levam-nos a refletir acerca da importância da produção artística num momento tão difícil como o de uma pandemia. Para isto, foi necessário levar em conta as fragilidades e cobranças pessoais como ator, bem como as fragilidades e cobranças de um possível espectador que assistiria a obra artística via internet, por meio de um aparelho tecnológico, num lugar e num contexto próprios.

Na disciplina, enquanto adentrávamos cada qual em um processo de busca individual, também eu estava atrás de uma ideia a qual me tocasse e refletisse a pesquisa desenvolvida para o mestrado. Ademais, havia ainda a situação de isolamento que estávamos enfrentando. Foi necessário vivenciar cerca de dois meses de encontros semanais da disciplina. Acabamos por decidir, em comum acordo e de forma dialógica entre estudantes e professora, que cada trabalho artístico seria realizado e compartilhado em formato de vídeo, e que ficaria disponível na plataforma IGTV do Instagram do LAPIAC, bem como todos participaríamos da Mostra de Trabalho Performativos que foi realizada com o apoio do LAPIAC/ PPGAC/ FEFD/ EMAC/ UFG.

As aulas contaram com encontros síncronos e assíncronos, desenvolvidos por meio de bate-papos, leituras, acompanhamento de espetáculos apresentados de forma *online*, e a visualização de *lives*. Estas *lives*<sup>7</sup> eram diálogos artísticos que vieram destacando as particularidades da arte enquanto necessidade humana, principalmente durante a pandemia e o isolamento social. Estes encontros além de colaborarem na reflexão acerca da importância do fazer artístico, também traçaram conversas necessárias com o campo da estética, da poética e do sensível, lugares até então considerados essenciais para o ‘bem viver da humanidade’.

Daí o ponto de partida para chamar as cenas criadas para *Ser, tão & I só Lamento* de cena-*live*. Uma vez que se cria cena por estar vivo e se faz arte por estar vivendo. Em meio a um momento de milhares de mortes no mundo todo, a produção de *lives* (ou ‘ao vivo’, ou mesmo ‘viver’) soou como uma contradição provocadora de reflexão. O título-chave do projeto de mestrado é ‘SerTãoVida em cena’, ou seja, uma junção de palavras que dá o duplo sentido acerca do sertão e da vida, numa dinâmica inspirada nos conceitos de arte e vida do encenador russo Constantin Stanislavski (1989). Utilizar do verbo ‘viver’ (*live*) e da palavra vida ajudaram, pois, a encontrar novas formas de fazer teatro (*live*, ‘ao vivo’, ‘aqui e agora’), tendo como ponto de partida e de encontro: o sertão.

Ainda que as *lives* tenham servido de inspiração poética na produção da obra, foram os recortes videográficos que tornaram concreto o trabalho produzido. A relação da teatralidade com o audiovisual, colaboraram no aspecto técnico, estético e poético de experimentação. Do mesmo modo, que a criação e a produção do trabalho em si, possibilitaram a construção de novos conhecimentos.

---

<sup>7</sup> Trata-se das *lives*: ‘Lighting Studio’<sup>7</sup> da SP Escola de Teatro, transmitida ao vivo via YouTube, em 30 de junho de 2020, na qual o professor doutor Eduardo Augusto da Silva Tudella da Universidade Federal da Bahia (UFBA), apresentou um compartilhamento de arte e vida junto da temática relacionada à iluminação cênica. Disponível em: <https://youtu.be/MzWgne57iDw>. Acesso em: 30 de jun. 2020.

‘Diálogos a Contrapelo: Eu não gostaria de estar na minha pele? Experiência Trans-disciplinar nas Artes da Cena’<sup>7</sup>, transmitida ao vivo via Instagram em 09 de julho de 2020. A *live* integrou a ‘Semana do Orgulho LGBTQIA+’ promovida pelo Lapiac/ UFG. Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CCcHBt\\_n1hf/?igshid=1nyopsw4r45v](https://www.instagram.com/tv/CCcHBt_n1hf/?igshid=1nyopsw4r45v). Acesso em: 09 de jul. 2020.

‘Vírus: Poéticas Digitais’<sup>7</sup>, que foi transmitida ao vivo via YouTube, em 17 de julho 2020. O encontro foi compartilhado pela mediação da professora doutora Rafaela Blanch Pires (EMAC/ UFG) e das falas do artista e professor mestre Ricardo O’Nascimento (Universidade de Loughborough – Reino Unido/ Inglaterra). Disponível em: <https://youtu.be/O-9zPDV97rU>. Acesso em: 17 de jul. 2020.

## ISOLAMENTO SOCIAL ENQUANTO SERTÃO POÉTICO

*Se Deus soubesse,  
Da tristeza lá da serra.  
Mandaria lá pra cima,  
Todo o amor que há na terra.*

No rancho fundo (música). Ary Evangelista Barroso / Lamantine Babo. 1931.

A palavra ‘sertão’ possui variadas versões de sua etimologia, das quais consta gênese no latim com a ideia de *sertānu*, *sertanu* ou *sertum*, significando “bosque”, “mata”, “afastamento” (BUENO, 1967, p. 721); no angolano como *celtão* ou *certão* com o sentido de “mato” (BARROSO, 1947, p. 11-12); e no português ‘sertão’ como derivação do aumentativo de deserto, desertão (BARROSO, 1947). O que sabemos é que no sentido de constituição, o sertão é o lugar que já ganhou e continua ganhando inúmeras representações e significâncias. Das tantas interpretações acerca desse lugar e atmosfera brasileira, citamos as duas que fazem presença na nossa pesquisa. São elas: a que se refere ao mato, ou seja, o interior e a roça – o sertão como espaço do paraíso, do descanso, do cantinho sonhado por alguns; e a que se refere ao deserto, o que tem a ver com o afastado e isolado – o sertão enquanto o lugar da solidão e da solitude.

Amparados sob essas duas dimensões – que além de históricas, sociais, antropológicas e políticas, são também imagéticas e poéticas – não foi difícil percebermos elementos do sertão em meio ao isolamento social. Inicialmente, portanto, compartilhamos a ideia de que o próprio termo ‘isolamento’ já nos deixa numa extensão de contato com o só, o sozinho, que porventura nos liga à solidão e à solitude. Não é difícil percebermos, nas letras das tradicionais canções caipiras, a presença do desabafo e do lamento triste de um homem ou mulher do campo que chora sozinho, esquecidos por um grande amor, ou envelhecidos e sem a presença dos seus familiares. Essa dimensão pôde ser vivida no que se refere ao se afastar do convívio social presencial e se confinar numa residência como alternativa de sobrevivência durante a pandemia.

No que tange a ideia de mato e de roça, explicitamos que a moradia na cidade de Goiânia, tanto do autor quanto da coautora, fica justamente num bairro da zona periférica da capital, de origem rural originariamente, onde não é difícil encontrarmos a presença dos elementos roceiros. Detalhamos, contudo, aspectos do minúsculo apartamento alugado do ator-autor, que dão indícios de presença da cultura sertaneja e caipira, mas também colaboraram na dimensão imagética e criativa para a cena. São elementos enquadrados pela moldura da janela que dá vista direta aos pequenos morros e pela qual todos os dias era possível avistar o pôr-do-sol. Do enquadramento particular, ouvi-se o canto dos galos das moradias ao redor, o mugir dos bois na chácara vizinha ao prédio, o redemoinho que se forma diariamente entre agosto e setembro com a poeira e as folhas secas, o colorido diferente de mês pra mês da grama que nasce e morre conforme a estiagem ou a vinda da chuva. A dura seca e a longa espera pela chuva, que passou mais de quatro meses sem cair nos solos goianos em 2020...

Também apontamos para uma questão mundial que aparentou afetar o ator nos primeiros dias de quarentena, mas que depois ficou evidente que não faria parte da rotina de todos. Falamos a respeito do tempo de ócio, evocado por alguns, por conta do isolamento. A falácia de que todos em casa teriam tempo para fazer aquilo que bem queriam, só aconteceu para os mais privilegiados da sociedade, e este discurso se sustentou de forma romântica em muitos lugares como nas mídias e nos meios digitais. A verdade é que mesmo em meio à pandemia, o sistema societal capitalista ainda conseguiu nos colocar frente a frente com a mesma e velha noção do produtivismo.

Reflitamos a respeito disto, para pôr em contraponto a presença do ócio na cultura caipira e sertaneja, na qual o roceiro não tinha a preocupação operária formal dos grandes centros urbanos, pautados na ideia de produção (RIBEIRO, 1995; CÂNDIDO, 2010). O ócio na cultura interiorana, originada na descendência indígena, era prática humana que não era vista sob o olhar preconceituoso que entende o descanso como perda de tempo e atitude de ‘vagabundos’. Esta perspectiva foi outro ponto fundamental para compor o conteúdo dramaturgico do vídeo cênico produzido, ainda que a prática do ócio não tenha sido praticada pelo ator durante a pandemia, haja vista os compromissos profissionais e acadêmicos.

Ainda falando de reflexões realizadas no decorrer destes meses, e que foram colaboradoras para o conteúdo da obra, citamos a conexão da historicidade caipira e sertaneja em conexão com a contemporaneidade. Fatos como a história da criação da bebida brasileira caipirinha<sup>8</sup>, que foi produzida pelos roceiros do final da primeira década do século XX, como falso remédio de tratamento precoce para o contágio do vírus da influenza, popularmente conhecida como a gripe espanhola, que fez várias vítimas no Brasil e no mundo entre 1918 e 1919. Bem como o uso da expressão ‘cabras da peste’, utilizada para caracterizar os sertanejos vistos como fortes, por aguentarem as problemáticas da vida e as enfermidades avindas da falta de políticas públicas. Se peste é um termo antigo utilizado para definir as tantas enfermidades que assolam a humanidade desde os primórdios, cabra é o animal utilizado como símbolo do diabo ou da resistência por conseguir passar muito tempo sem beber água.

Todas estas reflexões fizeram parte do vídeo produzido, que contou com a construção de cenas em formas de lamento e desabafo, quase que um monólogo; e de teatralidade com a criação de personagens-tipo de caipiras e sertanejos como a benzedeira, o contador e a cozinheira. O audiovisual foi a linguagem utilizada para registrar este trabalho experimental, poético e documental, e foi em contato com ele que conseguimos alcançar outras possibilidades de encontro com o público, com as personagens e do ator consigo mesmo enquanto artista criador. A respeito desta reflexão, de diálogo do audiovisual com o teatro, no decorrer deste processo, preferimos apresentar imagens que contam histórias e encenam lamentos.

---

<sup>8</sup> Eles a criaram não para comemorarem a vida e o convívio, mas para se prevenirem do contágio da gripe espanhola que provocou uma pandemia volta de 1918. Conforme apresenta o Instituto Brasileiro da Cachaça (IBRAC), a ideia era a de que a bebida que tinha por componentes cachaça, limão, mel e alho, possuía eficácia para imunizar e proteger os homens e mulheres, o que evitaria o contágio do vírus influenza, e conseqüentemente, não provocaria a falta de trabalho provocada pelo isolamento social. O maior medo daquele povo não era somente se infectar, mas também passar fome e necessidades, dada a falta de trabalho diário.



## MURAL POÉTICO: COMPARTILHAMENTO CÊNICO EM FORMATO AUDIOVISUAL

**Figura 1** – Ator com iluminação natural, ensaiando para a gravação de cena: ‘Sertanejo aguardando o sol nascer’.



Fonte: Acervo do autor.

**Figura 2** – Ator com iluminação natural, encenando: ‘Cozinheira fazedora de bolinho de chuva’.



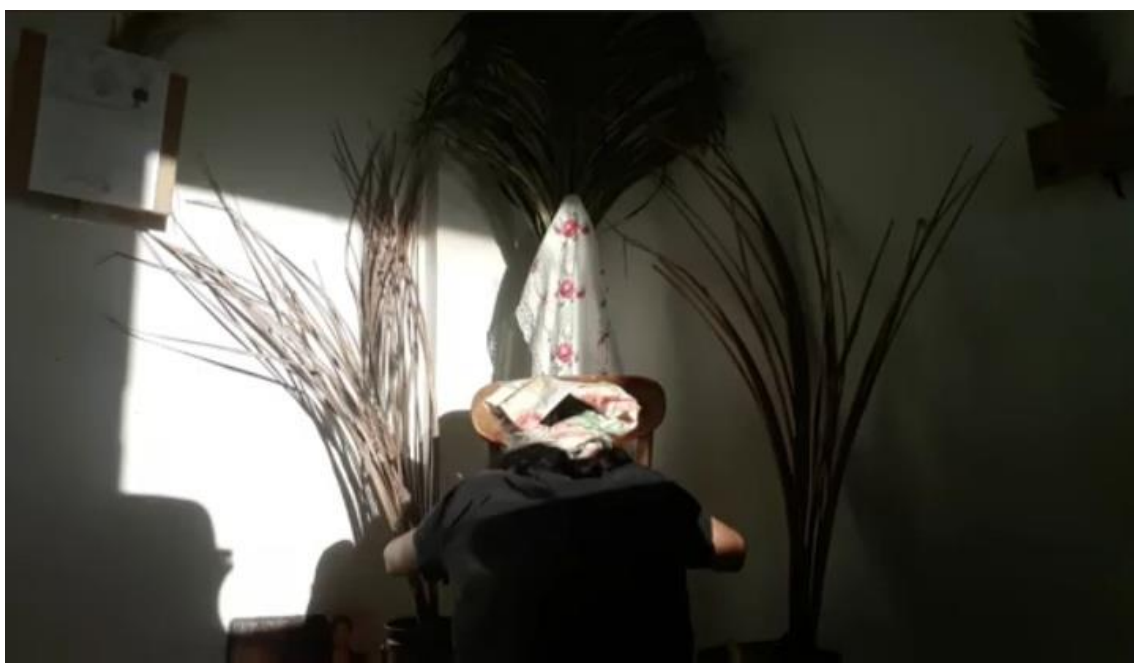
Fonte: Acervo do autor.

**Figura 3** – Ator com iluminação natural, encenando: ‘Cozinheira fazedora de bolinho de chuva’.



Fonte: Ace

**Figura 4** – Ator com iluminação natural, encenando: ‘Benzedeira orando ao meio dia’.



Fonte: Acervo do autor.

**Figura 5** – Ator com iluminação natural, encenando: ‘Benzedeira contando causos’.



Fonte: Acervo do autor.

## CONSIDERAÇÕES

*Ele que era, o cantor da primavera  
E que fez do rancho fundo  
O céu melhor que tem no mundo.*

No rancho fundo (música). Ary Evangelista Barroso / Lamantine Babo. 1931.

O vídeo cênico e documental *Ser, Tão & I só lamento* além de ter sido integrante da Mostra de Trabalho Performativos (Lapiac/ PPGAC/ EMAC/ FEFD/ UFG)<sup>9</sup>, também foi aprovado após curadoria, para compor a Mostra Cultural do 17º Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão (CONPEEX)<sup>10</sup>, realizado de forma remota por meio da UFG e exibida pela Rede de Cultura das Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES) de Goiás. Ressaltamos que este vídeo não é o trabalho final do projeto de mestrado que vem sendo realizado, mas um experimento cênico colaborativo neste caminho investigativo.

Neste registro não ousamos esgotar questionamentos em relação aos conteúdos abordados, muito menos responder perguntas que, ainda estão sendo vivenciadas e experimentadas artisticamente em meio ao período de pandemia. Acreditamos, porém, que futuramente esses aspectos de novos relacionamentos com o teatro, o audiovisual e as novas tecnologias, estejam mais discutidos, ampliados e repensados, uma vez que já teremos outras vivências e maior experiência com este universo de troca artística no universo virtual híbrido.

<sup>9</sup> Este evento ocorreu nos dias 17 a 22 de agosto de 2020, de forma online por meio do canal IGTV do instagram do Laboratório Lapiac. O vídeo cênico e documental *Ser, Tão & I só lamento* está disponível em duas partes. A Primeira parte está disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CEDDcsJHS\\_I/](https://www.instagram.com/tv/CEDDcsJHS_I/) e Segunda parte está disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CEDCEjSHj7s/>.

<sup>10</sup> O vídeo cênico e documental *Ser, Tão & I só lamento* também está disponível na Rede IPES de Goiás, em <https://rededeculturaipesgo.ufg.br/>.

Por afirmação final, atrevemo-nos apenas em falar que as preocupações sensíveis, estéticas e poéticas que vêm sendo trabalhadas por artistas e em meio a coletivos e trabalhadores da cultura, podem colaborar com o tratamento e a cura de nossas feridas abertas e cicatrizes descobertas neste tempo pandêmico. Sem idealizar a arte, mas compreendendo-a como *live* [viver], ela não age da mesma forma que uma vacina ou medicamentos, que um alimento e uma moradia, mas pode ser uma ação que venha a atingir e afetar a humanidade de forma sensível, quiçá amenizando as nossas dores, nossas perdas, expondo os abcessos e explicitando tabus que têm de ser resolvidos. Terminamos, por fim, com esperança de dias melhores e SerTãoVida bom de ser vivido!

## REFERÊNCIAS

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2005.

BARROSO, Ary Evangelista; BABO, Lamantine. **No Rancho Fundo (música)**. 1931.

BARROSO, Gustavo. A origem da palavra ‘Sertão’. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, v.52, junho, p. 401-403, 1947.

BUENO, Francisco da Silveira. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. V. 7. São Paulo: Saraiva, 1967.

**CAIPIRINHA**. Instituto Brasileiro da Cachaça (IBRAC). Disponível em: <http://ibrac.net/curiosidades>. Acesso em: 06 de jun. 2020.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

FORTIN, Sylvie. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística**. (Tradução: Helena Maria Mello) Revista Cena – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Instituto de Artes – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009, p. 77-88.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

OMS decreta pandemia do novo coronavírus. **VEJA Saúde**, 12 de março de 2021. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/oms-decreta-pandemia-do-novo-coronavirus-saiba-o-que-isso-significa/>. Acesso em: 12 de jul. 2021.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. Available from SciELO Books - Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 24, out, 2019.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. 2ª Ed. São Paulo: Companhia de Letras, 1995.

STANISLAVSKI, Constantin. **El trabajo del actor sobre si mesmo en el proceso creador de la vivencia**. Tradução: Jorge Saura. Barcelona: Alba Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **El trabajo del actor sobre si mesmo en el proceso creador de la encarnación**. Tradução: Jorge Saura. Barcelona: Alba Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. **Minha vida na Arte**. Tradução do original russo de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.